

CRÍTICA SOCIAL E IMAGINÁRIO NO “DIÁLOGO DOS MORTOS”, DE LUCIANO

Rafael de Campos

elfaracampos@hotmail.com

Mestrando em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo

RESUMO

O presente artigo se propõe a apresentar um ensaio biográfico de Luciano de Samósata visando uma apresentação de uma de suas obras, *Diálogo dos Mortos*, e uma análise de leitura pessoal do Hades luciânico e dos mortos.

Palavras-chave: Luciano – *Diálogo dos Mortos* – Hades – Riso – Cínicos

ABSTRACT

This article intends to present a biographical essay of Lucian of Samosata aiming a presentation of one of his works, *Dialogue of the Dead*, and an analysis of personal reading luciânico of Hades and the dead.

Keywords: Luciano – *Dialogue of the Dead* – Hades – Laughter - Cynics

Introdução à biografia de Luciano

Como objetivo introdutório, apresentaremos um pequeno resumo sobre o autor da obra “*Diálogo dos Mortos*” (gr. Νεκρικοί; διάλογοι), de Luciano, no intuito de conhecermos melhor o narrador desta que chamo “de o exemplo mais acabado do gênero literário conhecido por sátira menipéia”². Um pouco de sua biografia e bibliografia pode ser lida na própria obra, na versão bilíngue grego/português, organizada e traduzida por Henrique G. Murachco.³

Não se sabe ao certo a data em que Luciano nasceu. Portanto, fixar uma data precisa não é possível. Tanto Enylton de Sá Rego⁴ como Murachco, ambos baseados nos vastos escritos biográficos do autor, datam

¹ LUCIANO, *Diálogo dos mortos*. Organização e tradução de Henrique G. Murachco. São Paulo: Palas Athena, 1996, p. 214.

² Cf. <http://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0602>. Acessado em 29/10/2012.

³ LUCIANO, *Diálogo dos mortos*, p. 9-40.

⁴ REGO, Enylton José de Sá. *O calundu e a panaceia*: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, p. 234.

seu nascimento “na primeira metade do segundo século de nossa era”⁵, entre 115 d.C. e 140 d.C., divergindo de biógrafo para biógrafo. Da mesma forma como sua data de nascimento é incerta, assim é a sua morte, sendo datada depois de 180 d.C.

Luciano é muito conhecido como Luciano de Samósata, que indica o local de seu nascimento. Samósata ficava no “norte da Síria, à margem direita do Eufrates (hoje Samsât), capital do então reino de Comagena”⁶. Tudo indica que não faleceu em Samósata, mas sim em Athenas.

Pouco se sabe sobre sua vida cronológica, no entanto, “algumas informações, ainda que indiretas, o próprio Luciano nos dá em *O Sonho, A dupla acusação, O Pescador e Apologia*”⁷. Tais obras descrevem pequenos trechos que nos instruem sobre sua jornada. Tudo o que se sabe de Luciano, dados obtidos de tais obras, são meras probabilidades na tentativa de se chegar ao indivíduo Luciano. Há quem diga que, mediante análise de seus escritos, nem tudo o que ele escreveu sobre si mesmo pode ser levado tão a sério.

Por intermédio de tais probabilidades, podemos perguntar: Quem foi Luciano de Samósata? Assim, proporei uma pequena biografia.

De acordo com Rego, “Luciano era uma mestiço de origem humilde, originário de um país periférico ao sistema imperial da época”⁸. Nascido em uma família de artistas, de profissão artesanal e escultores, foi aprendiz de seu tio, quando menino, da arte de esculpir estátuas. Por causa de uma estátua quebrada e supostamente uma briga entre tio e aprendiz, Luciano decidiu não prosseguir com a profissão familiar, investindo em novos estudos. Foi então que, ao sair de casa apoiado por sua mãe, foi para o oeste da Ásia Menor, em cujas cidades ele adquiriu uma educação grega literária. Ele tornou-se particularmente familiarizado com as obras de Homero, Platão e os poetas cômicos.

É nesse primeiro momento que Luciano se dedica aos estudos de retórica, vindo a exercer a profissão de advogado. Ao se aborrecer dos ambientes e atividades da profissão, deixou a advocacia e se voltou apenas à retórica. Tendo como língua de criação o aramaico, não é por meio dela que se tornou conhecido. Foi a língua grega que ele usou em suas declamações e escritos, e da qual obteve familiarização na relação com as grandes obras clássicas de seu tempo.

Tal familiarização se dá, principalmente, por causa de suas viagens. Após passear pela Grécia, ele foi para a Itália e depois para a Gália (atual França). É desse período de sua vida que pertencem muitas de suas declamações em temas mitológicos que sobreviveram e outras ações e prólogos retóricos. Porém, foi em Atenas que Luciano, ao deixar a vida errante de retórico e lá fixar residência, se lançou em um profundo estudo do conhecimento da literatura grega, correntes filosóficas, como os cínicos, os estoicos e os cétricos.

⁵ REGO, *O calundu e a panaceia*, p. 44.

⁶ LUCIANO, *Diálogo dos mortos*, p. 9.

⁷ LUCIANO, *Diálogo dos mortos*, p. 9.

⁸ REGO, *O calundu e a panaceia*, p. 43.

Mais tarde, Luciano tornou-se alto funcionário do Império Romano, apesar de suas origens étnicas; tal fato não era incomum no Império, durante o segundo século. Como alto funcionário, conhecido e aclamado como homem de letras, Luciano veio a falecer em idade avançada. Em geral, seus biógrafos concordam em situar a grande mudança ocorrida em sua vida intelectual ao se aproximarem seus quarenta anos [...] Abandonando a retórica e a oratória típicas dos sofistas de sua época, Luciano iniciou então uma fase de produção literária caracterizada por sua inovação, produzindo em sua maturidade a maior parte dos diálogos que o tornaram tão famoso.⁹

Nas bibliografias pesquisadas e na tinta do escrito de Koester, Luciano de Samósata “representa tanto o nível geral da educação superior como o crescente desencanto com os valores da herança grega clássica, tão exaltados no passado”¹⁰. Partindo de tal desencanto, suas obras descrevem o ponto de partida de suas manifestações literárias.

Obras

“Luciano marcou a história não por sua biografia, mas por sua obra”¹¹. E muitas são suas obras, umas mais conhecidas outras nem tanto. Boa parte delas consideradas autógrafos, isso é, como manuscritos originais de sua autoria. Outras, pseudônimas.

Sua obra compreende as mais variadas formas literárias, compondo-se de cerca de oitenta títulos: diálogos, ensaios, narrativas, textos autobiográficos, críticas, epigramas, exercícios de retórica e encômios – entre os quais alguns pseudo-encômios. A simples variedade dessa obra já explica a dificuldade encontrada através dos tempos em classificá-la em termos de gênero literário.¹²

Em meio à variedade dessa obra e a dificuldade de classificá-la, o diálogo se torna para Luciano o gênero de sua obra literária. “Porém, enquanto o diálogo em sua forma clássica fora o gênero adequado da reflexão filosófica, com Luciano ele passou a ser um meio para apresentar os absurdos da filosofia, da retórica, da religião e da moralidade”¹³. É assim que, no escrito *Diálogo dos Mortos*, em meio à comédia satírica e diálogo filosófico – mas não como considerações filosóficas – Luciano cria uma ficção com tom espirituoso, cheio de graça, onde tais artifícios, sátira e paródia, tornam reais as críticas tão vivas aos valores vigentes da sociedade grega clássica.

⁹ REGO, *O calundu e a panaceia*, p. 45.

¹⁰ KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento 1*. História, cultura e religião do período helenístico. São Paulo: Paulus, 2005, p. 364.

¹¹ REGO, *O calundu e a panaceia*, p. 43.

¹² REGO, *O calundu e a panaceia*, p. 43, 45.

¹³ KOESTER, *Introdução ao Novo Testamento 1*, p. 365.

A paródia pode ser entendida como:

...a recriação de um texto, geralmente célebre, conhecido, uma reescritura de caráter contestador, irônico, zombeteiro, crítico, satírico, humorístico, jocoso, constrói, assim, um percurso de desvio em relação ao texto parodiado, numa espécie de insubordinação crítica, cômica.¹⁴

Luciano usufrui e se apodera dos escritos clássicos parodiando-os, principalmente escritos de Homero (Ilíada e Odisséia). Ao utilizar os personagens da mitologia e da história, parece validar a obra *Diálogo dos Mortos*, pelo menos como fonte de recepção, como uma ferramenta crítica à maneira de ser da época, costumes e vida intelectual. É assim que, então, chegamos ao Hades luciânico.

O Hades luciânico e os mortos

É a partir da ideia de transposição da realidade para o panfleto que, em o *Diálogo dos Mortos*, é elaborado o inferno luciânico. O ambiente infernal e sua construção se dá a partir da união entre a comicidade e o diálogo filosófico, utilizando da memória dos feitos em vida dos mortos (interlocutores) para criar uma ficção crítica atual da realidade. Num crescente, todos os diálogos apresentam detalhes – maiores ou menores – do Hades da mitologia grega, formando assim o ambiente onde Luciano, o locutor oculto da obra, compõe os diálogos.

Outro modo de enxergarmos o Hades luciânico parte de uma leitura visando à obra como não análoga à sociedade da época, mas compreendendo a obra como a própria sociedade em movimento no escrito, porém de forma invertida. O mundo do além se torna a sociedade modelo para se viver.

Tendo em vista tais proposições, as personagens começam a ganhar vida no submundo luciânico. Em meio às metáforas e alegorias, os diálogos impactam e ao mesmo tempo provocam risos. O riso fica por conta do emprego da filosofia cínica, impregnada na obra, e por causa dos protagonistas: Menipo, Diógenes, Crates e outros filósofos do movimento cínico.

Para compreendermos melhor o sentido do riso nesse Hades luciânico, com seus personagens cínicos, podemos nos recorrer ao que Vladímir Propp propôs sobre o significado do riso cínico. Diferente do riso maldoso, ele afirma que “o riso cínico prende-se ao prazer pela desgraça alheia”¹⁵. Assim,

O limite entre as pequenas desgraças, que fazem rir quem as presencia, e as grandes, que já não provocam o riso, não pode ser estabelecido sobre bases lógicas. Ele só é percebido pelo sentido moral. A desgraça dos outros, não importa se pequena ou grande, e a infelicidade alheia podem levar um ser humano árido, incapaz de entender

¹⁴ Cf. <http://www.pucrs.br/gpt/parodia.php>. Acessado em 29/10/2012.

¹⁵ PROPP, Vladímir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992, p. 160.

o sofrimento dos outros, a um riso que tem as características do cinismo. Mesmo o simples riso que zomba não está desprovido de um matiz de maldade, mas não passa de matiz. Aqui trata-se de coisa bem diferente: ri-se dos doentes ou dos velhos que não conseguem levantar-se ou fazem-no com dificuldade; ri-se quando um cego vai bater contra um poste de luz, quando alguém se machuca, ou quando é vítima de uma grande sofrimento (a perda de um ser amado); ri-se pelo repentino aparecimento de uma dor física, e assim por diante.¹⁶

Seguindo a linha proposta por Propp sobre o riso, encontramos no *Diálogo dos Mortos* um Hades repleto de riso cínico, cômico, escarnecedor que ridiculariza principalmente a memória dos mortos. Propp afirma que “todo o vasto campo da sátira baseia-se no riso de zombaria e é exatamente este tipo de riso o que mais se encontra na vida”¹⁷. No caso do Diálogo, esse riso se encontra na morte. Menipo deixa bem claro a verdade de que “o riso é uma arma de destruição: ele destrói a falsa autoridade e a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio”¹⁸. O Hades luciânico se torna o local perfeito para zombar das lembranças que os mortos têm da vida. Eles, ao lembrarem, se tornam reféns de suas emoções, pois a mesma provoca o riso irônico de Menipo. “A ironia revela assim alegoricamente os defeitos daqueles (ou daquilo) de que se fala. Ela constitui um dos aspectos da zombaria e nisto está sua comicidade”¹⁹. Desse modo, “o riso não tem maior inimigo do que a emoção”²⁰, como supõe Bergson.

Os personagens Diógenes, Crates e Menipo, ao mesmo tempo em que são protagonistas no *Diálogo dos Mortos*, são também personalidades reais da Antiguidade, adeptos do cinismo e discípulos de Antístenes, o suposto fundador da filosofia cínica como doutrina. Mas é com Diógenes que “o Cinismo encontrou uma espécie de refundação”²¹. Usando como base fundamental dos diálogos “as virtudes básicas da moral dos cínicos”²², “sabedoria, autodomínio, verdade, franqueza, liberdade”²³, Luciano articula, de forma a amarrar tais virtudes, um Hades onde a cobiça, a luxúria, a licenciosidade e a intemperança são ridicularizadas e punidas.

Uma característica particular da obra é a inversão de valores. Parece-nos que Luciano aplica em cada diálogo o jogo da inversão, como por exemplo, o rico que em vida juntava muitas riquezas é contrastado satiricamente como àquele que precisa apenas de um óbolo (moeda grega de pouco valor, tipo de esmola) como ingresso de entrada no Hades; ou o belo e o forte que se aplicaram em manter a beleza em vida, no Hades não passam de cinzas e crânios.²⁴

¹⁶ PROPP, *Comicidade e riso*, p. 160-161.

¹⁷ PROPP, *Comicidade e riso*, p. 28.

¹⁸ PROPP, *Comicidade e riso*, p. 46.

¹⁹ PROPP, *Comicidade e riso*, p. 123.

²⁰ BERGSON, Henri. *O riso*. Lisboa: Guimaraes Editores, 1993, p. 18.

²¹ ANTISERI, Dario; GIOVANNI. Reale. *História da filosofia: filosofia pagã antiga*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 253.

²² LUCIANO, *Diálogo dos mortos*, p. 162.

²³ LUCIANO, *Diálogo dos mortos*, p. 161; Diálogo XXI.

²⁴ LUCIANO, *Diálogo dos mortos*, p. 53-56; Diálogos II e V.

Podemos supor que diante de cada conversação entre os mortos, pautados e moderados por algum dos satíricos personagens, Luciano explana o perfil de uma sociedade em conflito. Querendo ou não apenas divertir com seus diálogos ficcionais, ele aborda em seu Hades de muitos dos conflitos existentes em seu contexto. Porém, sem proclamar um novo valor como ideal. Luciano parece sempre questionar nos diálogos, na roupagem dos cínicos, como se deve viver (?). Daí se dá sua proximidade com as proposições cínicas de felicidade.²⁵

Parece-nos que é diante desta pergunta que Luciano formula as bases de seu ambiente infernal. Transpondo ou não para o papel a realidade de sua sociedade ou, tendo como objetivo “revelar através do diálogo, uma verdade única, absoluta e pré-existente”²⁶, descobrimos que a inversão se dá quando no mundo subterrâneo, todos se igualam perante sua condição e estado de morte. O estado de pós vida torna os mortos do diálogo reféns de suas memórias da vida. São dessas memórias que os personagens cínicos se munem para rirem, zombarem e, sarcasticamente exporem a todos os mortos a realidade de como deveriam ter vivido na terra e a nova realidade igualitária do Hades.

Uma breve apresentação do Hades mediante os diálogos²⁷

À medida que os “diálogos” se desenvolvem, uma estrutura pode ser feita em torno de personagens, geografia, espaço/tempo, identidade, poder, causa e efeito. Com alguns extratos característicos, proporei um pequeno ensaio da minha leitura de algumas características, usando alguns diálogos apenas.

No diálogo I (Diógenes e Pólux) encontramos: “... *assim que subires de novo à Terra...*”. Nesse diálogo, Diógenes pede a Pólux para levar uma mensagem a Menipo de Gadara, o cão. A expressão “subires” caracteriza o Hades – inframundo – como tendo sua localização geográfica abaixo da Terra; também pode significar que a morte é uma condição inferior à vida por estar abaixo dela, em oposição ao lugar geográfico do Olimpo, que fica acima da Terra.

O diálogo II (Caronte, Menipo e Hermes), nos mostra “... *paga a passagem... pela travessia*”. Luciano, nos remetendo a mitologia, apresenta Caronte, uma divindade infernal que tem a função de barqueiro. É Caronte que, no Hades, está encarregado de fazer as almas atravessarem o rio Aqueronte. O Hades é cercado por esse rio, como uma ilha, onde o acesso só pode acontecer mediante travessia a barco. Esse rio é apresentado como uma “espécie de rio estagnado”, que só conhece o movimento de suas águas por causa do barco que carrega as almas dos mortos ao seu destino.

Já o diálogo III (Creso, Midas, Sardanápalo, Plutão e Menipo), nos apresenta algo inusitado: “... *aguentar como vizinho... transfere para outro lugar ou nós mudaremos para outra casa*”. Deparamo-nos aqui com

²⁵ GOULET-CAZÉ, Marie-O.; BRANHAM, R. Bracht (orgs). *Os cínicos: o movimento cínico na antiguidade e o seu legado*. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 41.

²⁶ REGO, *O calundu e a panaceia*, p. 50.

²⁷ Algumas informações foram tiradas do corpo de notas de rodapé do próprio livro *Diálogo dos Mortos* e estarão referenciadas por aspas.

uma comunidade dos mortos, onde nos é descrito o Hades como um lugar de vizinhança, cada tal com sua casa ou seu lugar. Menipo está perturbando os outros mortos, que recorrem a Plutão. Para tentar apaziguar a situação de zombaria que Menipo anda causando, Plutão, em favor da boa vizinhança, diz a Menipo que *“não devias (zombar e cantarolar)... eles estão sofrendo por terem sido privados de coisas não pequenas...”*; e faz isso porque *“eu não gostaria que houvesse discórdia entre vós”*. No Hades luciânico, a discórdia é freada por Plutão, o próprio deus dono do Hades.

Diálogo IV (Menipo e Cérbero), *“... dize-me pela Stix... parados na entrada do Hades... olhou para dentro do abismo e percebeu a escuridão... que iria sofrer o que é absolutamente necessário sofrer”*. Outros aspectos do Hades é informado neste diálogo. Primeiramente, Menipo questionando Cérbero jura pela Stix ou “Estige, um rio do Hades, filho da noite e do Érebo (Trevas)... as águas do Stix serviam para os juramentos dos deuses, no qual o perjúrio trazia muitos dissabores”.

Cérbero (“famoso cão que guardava a entrada do Hades, onde ficava acorrentado, com três cabeças e uma cauda, que era uma serpente”) era o receptor dos mortos. No diálogo, Cérbero narra a entrada de Sócrates, o filósofo, no Hades e o descreve como um abismo de escuridão. Faz, pela primeira vez, referência ao lugar como um local de sofrimento, onde se sofre o que é *“necessário sofrer”*.

No diálogo V (Menipo e Hermes), temos: *“Não tenho tempo... não tenho tempo de ficar filosofando contigo”*. No inferno há afazeres a ponto de não se ter tempo. Menipo, que deseja ir à procura de mortos para zombar, propõe um passeio a Hermes (um dos guias do Hades e também àquele que conduz os mortos do portão para dentro do Hades), que logo o rechaça, resistindo leva-lo aos lugares que ele pede. O lugar que Hermes mostra a ele é o lugar onde os belos e as belas, as beldades antigas, ficavam (Jacinto, Narciso, Nireu, Aquiles, Tiró, Helena, Leda).

O diálogo VIII (Menipo e Quiron), diz: *“... estar... nas trevas”*. Quiron, “o mais justo e sábio dos centauros”, iguala o Hades e a Terra ao dizer que estar na luz ou nas trevas “não faz nenhuma diferença”. Em seu diálogo com Menipo, nos é fornecido que o Hades luciânico é um lugar de trevas. Porém, mesmo sendo um lugar de trevas, pode-se enxergar.

No diálogo XIII (Diógenes e Alexandre), *“... De fato, não é permitido que nenhum dos que atravessaram o lago uma vez e chegaram dentro da boca do Hades façam caminho de volta”*. Diógenes, ao rir de Alexandre por delirar ser como Osíris ou Anúbis, deuses do Egito, nos informa que uma vez dentro da “boca do Hades”, não se volta atrás. No Hades, um caminho apenas é conhecido, a via sacra dos mortos.

O diálogo XX (Caronte, Hermes, Menipo e Vários Mortos) faz menção à punição: *“... vós aí dirigi-vos ao tribunal, descendo direto por essa reta... é preciso passar em julgado. E as sentenças, pelo que dizem, são pesadas! São rodas (de fogo que giram continuamente), são abutres (que devoram o fígado, que se refaz segundo as fases da lua), são rochedos (empurrar um rochedo colina acima). A vida de cada um será passada a limpo”*. O Hades é mostrado como tendo um lugar próprio para julgar os mortos, de onde as punições são dadas a cada morto conforme a avaliação feita de sua vida.

Um pouco de como os mortos são descritos

Corpo, memória, identidade são apresentados como parte que compõe os personagens desse diálogo infernal. Os mortos são relatados por Luciano assim:

Menipo é identificado como: “*velho, careca, tem um pequeno manto todo esburacado esvoaçando a qualquer vento; e multicolorido, por causa da superposição dos remendos. Ele está sempre rindo e na maior parte do tempo zombando daqueles filósofos charlatões*” (Diálogo I). É com esse corpo que Menipo transita entre o Hades e a Terra (corporeidade sem fronteiras). A experiência do riso em Menipo resulta de algo exterior, ou seja, daquilo que ele, agora morto, vê e ouve dos seus companheiros do submundo. Pólux também exibe uma corporeidade que transita as fronteiras do Hades, da Terra e do Olimpo, pois é ele quem leva a mensagem a Menipo, que no caso se encontra na Terra. Nesse trânsito entre o Hades e a Terra, mensagens podem ser enviadas, fazendo do Hades uma espécie de correio, com alguns indivíduos que atuam nesse serviço.²⁸

Menipo é convidado para ir ao Hades no intuito de zombar, porque “*tu vês os ricos, os sátrapas, os tiranos, agora tão rebaixados e insignificantes, reconhecidos apenas pela lamentação; isto é, que são uns poltrões e ignóbeis, enquanto ficam recordando das coisas lá de cima*” (Diálogo I). Os mortos vivenciam a experiência de lamentação, causada pela recordação. Os mortos recordam em morte da vida. Uma observação interessante que foi feita por Pedro Ipiranga Junior em um artigo que analisa “Dialogo dos Mortos” como um todo, e propõe ter nela dois gêneros de lembrança: um eufórico e outro disfórico:

Os que se sentem assim aprisionados à vida sofrem de memória, isto é, os seus vínculos com o reino de cima, o espaço dos vivos, os fazem sofrer, e as lembranças, que lhe são correlatas, são sempre dolorosas (e aflitivas) e indicam, pela sensação de desvinculação, o signo de uma falta, a perda de tudo aquilo que parece fornecer a identidade daqueles enquanto vivos. Lembrar é perder, é estar morto em relação ao que narra algo já passado, é desvincular-se do gênero de vida ao qual se está acostumado. Lamentamos e choramos pela inevitabilidade de sermos o outro ou porque já não somos mais os mesmos.²⁹

A euforia é evidenciada pela personagem de Menipo que, sendo um cínico, reproduz claramente sua independência, sua liberdade de falar, a despreocupação, a desvinculação do cotidiano, a alma nobre e o riso. Tais qualidades são o motivo dele estar no Hades e as mesmas não são tidas como um fardo à memória. Elas não externalizam o sofrimento pelo que foi perdido. Ao contrário dos cínicos, os outros mortos desempenham a função de uma eterna disforia, pois a lembrança os coloca em um estado de lamentação e punição.

A mensagem de Diógenes aos filósofos, aos ricos, aos belos e aos fortes, e aos pobres que vivem, descrevem questões de identidade desses grupos. Eles recebem do olhar cínico de Diógenes tais identidades. Porém, ao chegarem ao Hades, reina a igualdade.

²⁸ LUCIANO, *Diálogo dos mortos*, p. 49. Ver nota de rodapé 2 do Diálogo I.

²⁹ Cf. <http://www.scriptaclassica.hpg.com.br>. Acessado em 29/10/2012.

Partindo para uma conclusão deste resumo e desta pequena tentativa de analisar e instigar a leitura da obra *Diálogo dos Mortos*, não poderia faltar uma pequena demonstração do diálogo que julguei ser mais interessante e mais engraçado, o de número XX.

Os personagens são muitos: Caronte, Hermes, Menipo, Charmoso de Megara, Lâmpicos, Damásio, Cráton, Militar, o Filósofo, o Orador. Cada um desses personagens se contrasta com sua própria bagagem, ou seja, com aquilo que estão vestidos. O enquadramento temporal do diálogo se dá no momento da morte, na chegada dos mortos ao Hades. Muitos estão chegando para travessia à barca no Aqueronte. O barco não pode levar todos. Penetrados pela pergunta: “o que faremos para atravessar?”, Caronte responde a eles: “vós deveis entrar no barco nus”.

A nudez, o que iguala todos no Hades e é a lei da morte, despiu cada um desses de sua identidade, daquilo que são. Desde um objeto como uma sacola e uma bengala até atributos conquistados, atribuídos e elegidos aos mortos (que diz quem são), é obrigatório despir. O engraçado é que depois de se despirem, o barco os atravessa e, do outro lado, todos devem passar “... *em julgado. E as sentenças, pelo que dizem, são pesadas! São rodas, são abutres, são rochedos. A vida de cada um será passada a limpo*”.

Sendo assim, de modo irreverente, sarcástico, irônico, em meio a um Hades provido de risos e zombaria, a obra *Diálogo dos Mortos*, de Luciano, nos intriga assim como intrigou a muitos. Abarrotada de críticas, ela nos relata informações importantes por meio da reflexão própria e cética de seu autor, de modo a contribuir com dados históricos e culturais da sociedade grega clássica, informações valiosas sobre a religião de seu tempo: antigos cultos, crenças no Hades e julgamento dos mortos, o lugar de castigo para os praticantes do mal e a recompensa das boas ações.

Referências bibliográficas

ANTISERI, Dario; GIOVANNI. Reale. *História da filosofia: filosofia pagã antiga*. São Paulo: Paulus, 2006.

BERGSON, Henri. *O riso*. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

GOULET-CAZÉ, Marie-O.; BRANHAM, R. Bracht (orgs). *Os cínicos: o movimento cínico na antiguidade e o seu legado*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento 1*. História, cultura e religião do período helenístico. São Paulo: Paulus, 2005.

LUCIANO, *Diálogo dos mortos*. Organização e tradução de Henrique G. Murachco. São Paulo: Palas Athena, 1996.

PROPP, Vladímir. *Comichidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.

REGO, Enylton José de Sá. *O calundu e a panaceia*: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

Outras referências

<http://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0602>. Acessado em 29/10/2012.

<http://www.pucrs.br/gpt/parodia.php>. Acessado em 29/10/2012.

<http://www.scriptaclassica.hpg.com.br>. Acessado em 29/10/2012.